

Psicanálise Hoje

MD Magno

Seções 50 e 51 dos *SóPapos 2020*,
realizadas on-line em 26 setembro.

50

Situação da psicanálise hoje – Gestação da psicanálise – Teorias psicanalíticas se formaram a partir da análise pessoal de cada autor – Lacan: surrealismo, estruturalismo e paranoia – Idade adulta da psicanálise: maior abstração – Intervenção terapêutica: enfiar um processo novo na mente – Os Místicos: tentativa de ir ao ápice da experiência do psiquismo – Grécia: Tirésias (o Trans); Roma: Ovídio (Metamorfoses: Trans-Formações) – Idade madura e idade vetusta da psicanálise.

Farei alguns comentários sobre **a situação da psicanálise** nas entradas de século XX e de Quarto Império, em que tivemos a gestação da psicanálise. O livro de Henri Ellenberger, *A Descoberta do Inconsciente*, que já recomendei que lessem, descreve, após o surgimento da psicanálise com **Freud** e seus seguimentos, o longo período da psiquiatria dinâmica e de outras transas psíquicas que podemos considerar como uma espécie de gestação da psicanálise. Ela nasce, em seguida, com sua

especificidade, nas mãos de Freud, que consegue se afastar do processo de gestação e conceber uma teoria do psiquismo diferente tanto da psiquiatria dinâmica quanto das psicologias anteriores. Com isso, a psicanálise é nova e diferente. E vai mesmo na contramão dos discursos anteriores.

No entanto, a psicanálise nasce dentro do final do século XIX com muitos problemas. Ela tem certos sintomas de parto. Freud fez o que pôde na tentativa de entendimento do psiquismo de modo novo e produziu uma obra volumosa que, na verdade, é um grande projeto de introdução ao pensamento psicanalítico. É importantíssimo, mas é ainda a fase de introdução à psicanálise. Costumo dizer para mim que Freud e seus seguidores, e seguintes logo depois dele, são da ordem do nascimento e da infância da psicanálise. É preciso entender isso, pois eles tinham o direito de começar com as ferramentas, os propósitos e as consecuições que foram possíveis. Digamos que seu nascimento seja no final do século XIX e, em 1900, ela é parida realmente com a publicação d'*A Interpretação dos Sonhos* e, depois, com toda a obra de Freud. Na sequência, também com alguns seguidores e com aqueles seguintes que supunham não mais estar sendo seguidores, estarem fazendo outra coisa. Visto à distância, hoje, qual é o sintoma mais evidente desse nascimento e dessa infância da psicanálise? É que *as teorias foram se formando a partir da análise pessoal de cada autor*. A chave mestra de cada teoria

psicanalítica forjada no fim do século XIX e começo do século XX é: são teorias que partem da formação sintomática de cada autor, a de Freud inclusive. Édipo é uma história pessoal, que Freud tentou generalizar e aplicar à interpretação – como ele chamava – de seus analisandos. Como era genial, não ficou apegado apenas ao Édipo e produziu vários artefatos teóricos da maior importância – mas, continuo a insistir, aquele momento era o da *infância* da psicanálise, e ela estava demasiado conteudizada.

Alguns de seus alunos, é o caso de dizer, que se rebelaram contra a posição Freud ou que quiseram emular com ele, ou por inveja dele, produziram teorias supostamente novas – caso de Adler, Ferenczi e Jung. Ao olhar para a obra deles hoje, verificamos ser repetição do mesmo sintoma. Cada um queria tomar sua própria análise, a descoberta de sua formação sintomática, e fazer disso uma teoria da psicanálise. Como não tinham o talento ou a grandeza de Freud – que, mesmo partindo de seu sintoma, foi capaz de acrescentar enormemente o processo –, trouxeram teorias pobres por serem teorias de caso. Não que não sejam possíveis, mas são apenas casos capazes de se repetir em histórias das pessoas, e não teorias abrangentes. Teoria do complexo de inferioridade, caso de Adler, é uma bobagem que, mesmo encontrável nas análises, não faz uma teoria da psicanálise. Traumas de nascimento, caso de Otto Rank, também são encontráveis, mas tampouco fazem uma teoria da

psicanálise, fazem um caso. Jung, este, talvez por não ter entendido o processo cada vez mais abstrato do projeto de Freud, deu para trás. Fez, então, uma psicologia de fatos psíquicos. Aquilo não é psicanálise e, sim, como chamou, uma psicologia analítica. Sua obra é importante, tudo de que trata existe, mas é uma psicologia de fenômenos psíquicos que acontecem às pessoas. Não há nela um processo de abstração como há em Freud. Isso tudo, então, durou, com seguidores que, dentro do processo freudiano, levantaram certas construções sintomáticas importantes – caso de Melanie Klein e outros –, mas que não merecem ser base de teoria.

De repente, chega um cavalheiro chamado **Jacques Lacan**, psiquiatra jovem, que está metido num processo diferente do processo freudiano. Freud fazia a suposição de estar começando uma ciência nova e estava imbuído de mentalidade, digamos, científica – sabe-se lá o que seria isso em sua cabeça naquela época. Lacan nasce em 1901, um momento novo no século XX. *A Interpretação dos Sonhos* já tinha sido publicada e a psicanálise estava andando com velocidade. Quando adolescente e jovem, Lacan convive com vigorosos movimentos emergentes de cultura. O surrealismo, que frequenta de perto e mexe demais com sua cabeça. (Freud, aliás – por algum defeito seu –, não conseguiu entender o surrealismo, com exceção do grande paranoico, Salvador Dalí, o qual entendeu mais ou

menos). O surrealismo era bastante poderoso na tentativa de compreender o psiquismo humano e suas formações. Lacan se mete naquele meio, o que é algo importante na formação de sua cabeça. Em seguida, com sua pequena experiência psiquiátrica no Hospital Saint-Anne como aluno de Clérambault, o psiquiatra mais importante da França, ele, para além do surrealismo, se depara com o nascimento do estruturalismo, que é algo revolucionário em meados do século XX: Lévi-Strauss, a linguística com teorias poderosas, Saussure, Jakobson...

O que acontece com o século XX? Digamos que *o século XIX tinha forte tendência histérica*, tanto é que Freud situou a psicanálise no modelo da histeria. Mas, por volta das duas primeiras décadas, *o século XX adota a paranoia como modelo*. Então, se o modelo do século XIX era histérico, o modelo reinante no século XX é paranoico, um modelo com configuração psicótica. O próprio Dalí chamava sua produção e sua inteligência da arte de *paranoia crítica*. Até hoje, aliás, não se sabe se esse nome para a postura da época foi dado por ele ou por Lacan. Paranoia crítica quer dizer: o processo é paranoico, mas não é preciso ser psicótico para entrar nele – é uma escolha de modelo. Não é, portanto, uma paranoia psicótica, e sim a paranoia como modelo de pensamento. Lembrem-se de que, depois de instalado o século XX, tivemos duas guerras mundiais, governos, posições

políticas e posturas intelectuais inteiramente paranoicas: Rússia, China, pensamento de Marx...

Lacan não podia fugir desse modelo, que estava à disposição. O modelo do estruturalismo, então, é de configuração paranoica, coisa que Deleuze percebeu. Isto, no sentido de que – assim como eu disse que Freud e seguidores é a infância da psicanálise –, com essa era do século XX, aparece a *adolescência da psicanálise* (junto com o pensamento adolescente de paranoia que invadiu todo o século XX): arrogância, tentativa de auto definição, de contraste com o resto do conhecimento (cada ciência querendo se definir com toda clareza, em distinção das outras), de modelo rigoroso de pensamento... “Rigoroso” quer dizer: paranoico. A psicanálise não fica atrás. Lacan entra nesse mesmo modelo e quer produzir uma psicanálise adolescente com os trejeitos dos adolescentes: fazendo birra, fazendo uma teoria rigorosa, precisa, ultracientífica... Para isso, envolve-se imediatamente com o estruturalismo, com a linguística, e cria uma psicanálise inteligentíssima e complexa a partir desse modelo. Rendeu muitos frutos e, como Lacan não é estúpido, há em sua perspectiva uma crítica permanente a esse modelo. E ele fica em idas e vindas para dar conta dessa postura de vocação paranoica. Tanto é que seu grande feito é supor ter descoberto a estrutura da psicose paranoica no processo que frequentava, ao qual dá o nome de *forclusão* de certo significante que chama de

Nome do Pai. Ele desenvolve isso até as últimas consequências. Como isso fracassa em suas próprias mãos, ele passa para outras construções, adota a topologia, enrasca-se de todos os modos em nós borromeanos e consequentes... E faz sua obra monumental, que é inteiramente de acordo com a mentalidade adolescente e paranoica do século XX. É o que pôde ser feito. Terminada essa fase, o que temos hoje é a esteira de seus restos na história do conhecimento, nos movimentos políticos, nos movimentos da psicanálise...

Mas chegou a hora de acabar com essa adolescência e essa paranoia. Nesse entendimento, tentei outra coisa que me pareceu mais compatível com a situação hoje. Era preciso entrar na *idade adulta da psicanálise* – ou seja, que ela fosse a mais abstrata possível e tivesse condições de entrar no Quarto Império, que chamo *Oespírito* por ser o Império da informação, dos algoritmos... É o entendimento de que o processo é mais abstrato do que se supunha. Falar em sujeito é conteúdo demais, falar em objeto é anedótico demais, falar em interpretação – termo que não sei se vem de Freud – também é anedótico e é um erro. Psicanálise jamais fez interpretação, isto não existe. Hoje, as ciências do cérebro descobrem que, nos processos ditos terapêuticos do psiquismo, inclusive na psicanálise, a intervenção do chamado terapeuta é simplesmente enfiar um processo novo na mente daquele que o procurou – ele não

interpreta o que lá está. Isso parece comparecer mesmo em exames clínicos cerebrais de alta tecnologia. Minha tentativa, então, depois de longamente lutar com esses procedimentos do século XX, foi procurar uma teoria e uma prática contemporâneas, compatíveis com nossa época. Para isso, foi preciso abandonar o anedótico do passado e tomar as ferramentas do momento – não importa se são erradas, no sentido que foram as outras: um erro que acertou – como condição de conhecimento e de praticidade de *agora*. É o que chamo **Nova Psicanálise**, na qual passei a adotar outros instrumentos, outros tipos de raciocínio e de articulação no intuito de maior abstração no entendimento do funcionamento do psiquismo. É o que está apresentado a vocês como teoria que evita os procedimentos paranoicos do século XX tanto na psicanálise, quanto na teoria do conhecimento, na concepção das ciências e da política. Repetindo, como as teorias e práticas políticas herdadas do século XX são paranoicas, temos que forjar as nossas. E faço a suposição de que não há discurso mais competente para forjar a nova posição política do que o discurso da psicanálise tal qual se apresenta hoje.

No que faço a operação – que me foi custosa e trabalhosa – de tentar abandonar a parafernália tanto da infância quanto da adolescência da psicanálise, deparo-me com algo muito curioso. Em todas as pesquisas que fiz dentro da cultura do mundo,

começo a perceber que, na história da humanidade, mais do que qualquer tentativa de ciência do psiquismo, mais do que psiquiatria, do que a psicanálise dos séculos XIX e XX, do que as psicologias que se forjaram – com vários acertos, etc. –, pensamento algum foi mais longe na tentativa da abordagem do funcionamento do psiquismo do que aqueles a quem chamo: **os Místicos**. Por que isso não foi percebido há mais tempo? Porque esses místicos são de eras de dominação religiosa fortíssima, tanto no Oriente, quanto no Ocidente. Então, seu nascimento se deu numa mistura bastante conspurcada por mistificações religiosas. No entanto, o pensamento místico está lá independentemente do discurso religioso. Já chamei atenção para o fato de que isso ocorre tanto no Oriente como no Ocidente. Não estou falando dos discursos das religiões, e sim que, no seio desses movimentos, sempre apareceu **o procedimento místico**, que, dentro dos recursos de cada um em seu tempo e espaço geográfico, **é uma tentativa de ir ao ápice do funcionamento do psiquismo**. E foram mais longe do que todos os dispositivos anteriores. Mais até, depois, do que a própria psicanálise. No Ocidente, misturado com o horror do cristianismo, sobretudo da Igreja católica, há enorme quantidade de operações de pensamento místicos de algum modo – mesmo que aprisionados à obrigação da Igreja Católica Apostólica Romana – que aponta para o mesmo lugar. Alguns com eficiência

e precisão superiores aos outros. Caso de: **Meister Eckhart**, de quem vimos tratando em nossos últimos encontros, e seus seguidores mais próximos ali na chamada Mística Renana.

Então, procurando por essas tentativas de exposição do psiquismo, mesmo indo ao pensamento grego – no qual supostamente nasceu a filosofia –, Lacan tenta discernir no pensamento de Sócrates a posição do analista. É o que lemos em seu Seminário que trata d'O *Banquete*, de Platão. Sócrates, segundo ele, aí comparece como verdadeiro analista das formações idiossincrásicas dos tesões de Alcebiades. Mas, ao pensar nas formações que conheço da Grécia antiga, identifico um personagem apresentado no texto de Sófocles sobre a mitologia de Édipo que, este sim, é a configuração do analista: **Tirésias**. Vemos, portanto, que há não apenas a confluência da mística oriental, o Zen – não estou me referindo a zen budismo, e sim ao Zen que compareceu independentemente primeiro –, com a autêntica e verdadeiramente explícita mística cristã, e igualmente com a psicanálise, aquela de hoje, quero dizer. Há também confluência com a mística grega, por detrás e acima de sua parafernália desejanse, na figura de Tirésias – que eu chamaria: *o Trans*. Ele, abandonando o olhar por causa da cegueira de seus olhos, conseguiu *ver* para além das negações e das oposições. Temos em Tirésias a mitologia do Revirão e a conseqüente clarividência do poeta em relação à sua

Indiferenciação na consideração do mundo. Por isso, ele é o único a perceber o que acontecia à volta de Édipo. Digo que era um ser *Trans* porque, segundo a mitologia, ele era homem, virou mulher e voltou a ser homem. E na própria Roma, com toda sua carece, temos Ovídio que, na consideração da história da humanidade, concebe-a como *Metamorfoses* (ano 8 E.C.), como *Trans-Formações*. Ou seja, isso estava aí à disposição e não foi tomado do modo que apresento, pelo menos não pela psicanálise disponível até então.

Recupero essas experiências psíquicas – gregas, romanas, medievais, orientais – que têm comparecido na literatura do mundo para concebê-las com as experiências que foram mais longe no trato do psiquismo humano. Se as separarmos do contexto religioso em que foram produzidas, entenderemos o **caminho da psicanálise no século XXI**. Temos que ir ao mundo e procurar as experiências mais radicais com o psiquismo por terem sido mais radicais que as experiências das psicologias, assim como da psicanálise do século XX, que estavam assujeitadas, poderíamos dizer, aos modelos religiosos que as subjugavam. Justo por isso, aquelas experiências foram perseguidas pelas religiões oficiais. De certo modo, dissolviam o próprio poder dessas religiões. O exemplo mais claro é a Igreja católica assassinando qualquer pensamento místico efetivo. Caso de Eckhart, que felizmente morre antes de ser levado à fogueira

que já lhe tinham preparado. A fase adulta da psicanálise fica um ponto acima das oposições: a *neutralidade* e a *Indiferenciação*, a *Bifididade* e a *Transa de Formações*. Esta é a abstração que se pode fazer da consideração desses pensadores do passado que foram ao ápice da experiência psíquica.

Isso vai intervir no futuro – o momento presente ainda é Estacionário nas formações do século XX, está comprometido demais com aquele bobajal paranoico, e está dando para trás (até bater com a cara na parede e voltar a andar para a frente). É uma pena não termos um processo rápido desse entendimento para a produção de conhecimento novo, de política nova, de consideração da espécie de maneira nova, etc. Estamos apenas, suponho, tentando produzir a idade adulta da psicanálise. Ainda faltam duas para vir: a **idade madura da psicanálise** e a **idade vetusta da psicanálise**. A psicanálise só será sábia quando ficar velha – ela precisa ainda crescer bastante durante alguns séculos.

Mostro esse caminho no sentido de que estamos no processo da *vanguarda*. E não adianta teóricos da história ou da comunicação dizerem que as vanguardas acabaram. Vanguarda jamais acaba, é um termo militar para: aqueles que vão na frente. A todo momento surgirá algum pequeno ajuntamento de pessoas que está adiantado. O resto precisa vir atrás para ver se vence toda a batalha. Em tudo isso, o que mais me importa é como fazer

a **transmissão**, sobretudo para os jovens, do falecimento radical do processo antigo e da necessidade de estarmos entre os que tentam produzir o novo em todas as áreas. Repetir movimentos do passado é: fracasso – todos fracassarão. O momento exige inventar a partir de uma postura nova todos os procedimentos daqui para a frente. Procedimentos: de conhecimento, de comportamento, de política, de processos de vida, de modos de habitação... Tudo tem que ser revisto sem olhar para trás e ficar comprando bugigangas do século XX.

• P – *Há outro modo que não o sintomático de forjar teorias? Não haverá sempre um elemento sintomático, pelo menos, em jogo?*

Sim, pois cada um, no máximo, só pode ser contemporâneo de si mesmo. A maioria é contemporânea do passado. E no que se é contemporâneo de si mesmo, cada um entra com seus próprios recursos sintomáticos – de preferência, já analisados para se abstraírem em mais alto grau – e com os recursos sintomáticos de sua época. Ninguém funciona fora disso.

• P – *Nesse sentido, uma vantagem sua foi já ter havido Freud – coitado dele, cujo analista foi Fliess –, já ter havido Lacan, com o qual você teve a oportunidade de se encontrar pessoalmente. Em termos de história da psicanálise, você teve a chance de encontrar uma base já feita, o que lhe permitiu ir para adiante.*

Lacan foi um encontro muito importante. Pude sentir a decadência do século XX de pertinho.

51

Indiferenciação é: absoluta participação – Mentalidade vigente na China se apossará do século XXI – Analista entra analogicamente na mente do analisando e mete um fato novo – Especificação secundária – Vínculo Absoluto é diferente do vínculo social.

• Nelma Medeiros – *A escala imperial, do Creodo Antrópico, é um bom exercício para pensar o lugar do ápice do funcionamento psíquico como a experiência radical de distanciamento do mundo. Temos um painel nos mostrando que, civilizacionalmente, é como se o modo de lidar com a dissolução na qual estamos entrando devesse ser a partir de um lugar que consegue não se contaminar, ao mesmo tempo que é capaz de mergulhar e se apropriar de qualquer coisa. É um exercício psíquico que consegue fazer esse pêndulo.*

Para reinventar nossa história para a frente, para o futuro, o pensamento mais importante é o da psicanálise. Isto porque pode ensinar as pessoas a suspender ou, pelo menos, neutralizar sua sintomática e pensar para além de todas as sintomáticas de até o final do século XX. É isso o procedimento de Indiferenciação. Tolice é pensar que se trata de ficar indiferente,

no sentido de desinteressado. Ao contrário, é: absoluta participação com tudo que há até se descobrirem os funcionamentos para produzir movimentos novos.

• NM – *De modo um pouco marqueteiro, já se fala hoje em curadoria: de conteúdos, etc. Você está apontando para um trabalho de curadoria.*

É um trabalho que há tempo chamo de: funcionamento *ad hoc*. Se pudermos transmitir algo para aqueles que estão em sua segunda década de idade será: é preciso correr, abandonar o século XX e ir para a frente. Se assim não fizerem, darão com a cara na parede, fracassarão. Com o procedimento tecnológico de disseminação dos funcionamentos abstratos da comunicação e da significação de hoje, aqueles que estão nascendo agora, daqui a vinte anos, serão em muito – se não, em tudo – diferentes daqueles que atualmente têm vinte anos: serão irreconhecíveis se comparados com nossos padrões. Ou seja, se os jovens de agora não correrem atrás, serão múmias diante dessa garotada nova. A ordem sintomática nascente nada tem a ver com a anterior (a nossa) que está em francas decadência e falência. Europa e Estados Unidos foram os grandes vencedores do século XX, mas estão decaindo a olhos vistos. Já o lado oriental, sobretudo comandado pela China, está em amplo processo de tomada de posse da situação. A mentalidade – e não o comportamento – deles é outra e se apossará do século XXI, e talvez de todo o

Quarto Império. Do fundo do Inconsciente dessa gente oriental, apesar das confusões políticas – lidas como ditadura –, o que importa é o germe lá estar, que proliferará e tomará conta da situação. Já nossa universidade – europeia, norte americana, brasileira – está fazendo um horror nas cabeças dos jovens, formando-os para começo do século XX.

• Aristides Alonso – *Desde seu advento, nos anos 1940-50, o modelo computacional-informacional cibernético foi se instalando até ser hegemônico hoje. E, antes mesmo de alguns pensadores, o que matou as ideias de interpretação, de sujeito e de objeto foi, sobretudo, esse modelo. A computação não tem essas ideias, o que ela tem é: modelagem.*

Como se lembram, inverti a frase de Nietzsche e disse: só há fatos, não há interpretações. É o que diz nossa época. Ao fazer sua intervenção, um analista não está interpretando, mas simplesmente conseguindo entrar no processo do analisando de maneira analógica – entrar analogicamente no caso e na mente do analisando – para meter um fato novo. O fato é compatível por ser analógico. Interpretação é paranoia do século XX, é alguém achar que entendeu e vai explicar o que é – é, sim, uma idiotice, uma incompetência do passado.

• AA – *Também o desaparecimento da verdade – e mesmo o surgimento da ideia de pós-verdade, ou quase-verdade – é o entendimento de que é possível a construção de bons modelos*

que funcionem razoavelmente aqui e agora. Por exemplo, atualmente há mais de cem modelos de vacina sendo pesquisados para que algumas se mostrem eficazes – e não apenas uma triunfará na cura do Covid-19.

E veremos *ad hoc* qual terá a melhor funcionalidade. O mesmo é o que é para ocorrer com a política no mundo. A política velha está gagá e fracassará.

• Lia Guarino – *A intervenção analógica na mente do analisando é, portanto, a mais condizente com a psicanálise atual?*

Trata-se do pensamento analógico, aquele pensamento que está em vigor como pensamento de nossa época. No tempo de Lacan, era o pensamento metafórico-metonímico. Por isso, em nosso encontro passado, pedi que estudassem aqueles livros sobre analogia. Estudem o conceito de analogia, pois é de uma amplitude gigantesca. Tomem, por exemplo, os versos de Fernando Pessoa: “*O poeta é um fingidor. Finge tão completamente. Que chega a fingir que é dor. A dor que deveras sente*”. Aí está o cerne da analogia. Tomem também o início da história do cinema e comparem com o cinema de hoje. Ele vai passando por formações analógicas cada vez mais refinadas. É um percurso sofisticado, mas é analógico, pois o que vemos na tela nada tem a ver com a realidade.

• LG – *Michel Foucault, n'As Palavras e as Coisas (1966), classifica três epistemes no Ocidente: renascentista, clássica e moderna. Ao falar do renascimento, aproxima de um pensamento que trabalha com similitudes.*

Foucault está falando de algo óbvio no pensamento renascentista em *imitação* de certos momentos da geometria grega. Ou seja, trata-se do conceito de *semelhança*, que é regrável pelo pensamento de Euclides: uma estruturação de forma independente do tamanho. Dois triângulos podem ser semelhantes com tamanhos diversos. Duas figuras geométricas quaisquer podem ser semelhantes em conformidade com sua construção, mas não idênticas por serem de tamanhos diferentes. É disso que Foucault está falando, de o pensamento renascentista ser baseado na geometria euclidiana, na invenção da continuação de Euclides com o nome de perspectiva exata, e mesmo com o nascimento da geometria projetiva. Tudo isso é euclidiano. Analogia é bem mais, ela sequer depende de semelhança.

• Patrícia Netto Coelho – *Contemporaneamente, tivemos um exemplo de analogia (não por semelhança, não proporcional) que é a analogia por transformações em Escher.*

São as *Metamorfoses* que citei há pouco. Escher é inteiramente analógico, não é euclidiano. O Renascimento de que Foucault está falando é euclidiano, taxionômico – e caolho: a perspectiva renascentista tem apenas um olho.

- PNC – *É literalmente semi-ótica.*

É o caso de dizer.

- NM – *Daí Foucault achar que o casal real é o centro do quando As Meninas, de Velázquez.*

Vocês já viram como isso foi questionado na análise que fiz do quadro [em 1981].

- LG – *Podemos, então, dizer que o que ocorreu no renascimento foi um tipo de analogia?*

O conceito euclidiano de semelhança é uma das formas de analogia.

- LG – *A analogia suporia uma semelhança e uma diferença?*

Na topologia, tomamos uma superfície elástica, de borracha, e desenhamos algo sobre ela. Depois, a enrolamos e embolamos de todos os modos. Sempre haverá analogia, sem semelhança alguma. Ao puxar a superfície, temos uma analogia do desenho anterior. Em termos de topologia, não houve ruptura. Portanto, seja qual for a forma que tome, ainda é a mesma correspondência.

- LG – *A intervenção analógica na clínica implica entrar na configuração do analisando?*

Lá entramos e ficamos disponíveis, o mais neutro possível. Ou seja, ficamos o mais indiferente possível para colher a formação dele. Entra-se nela analogicamente por então ser

compatível e passível de modificação. Se não entrarmos na configuração, a intervenção será de araque, sem validade. Tomem um exemplo comum em análise: a pessoa o tempo todo fala dela, de suas emoções, de suas histórias. Entramos nesse mundo e damos um jeito de mexer nele. Outro exemplo: uma pessoa que não sabe ou tem dificuldade de fazer isso e fica tratando a análise intelectualmente. Não tem importância, pois entramos por ali mesmo e lá mexemos. Ou seja, só entramos por onde o analisando abre.

- PMSJr – *Se não for pensado assim, fica parecendo que há lugares previamente definidos para a entrada.*

Trata-se de entrar em qualquer lugar que se apresente, há que encontrar onde está a porta.

- PNC – *Analogia é o nome genérico para: relação.*

Sim. É o nome mais genérico para: *Transa*. Trata-se de transa entre formações.

- PNC – *O conceito de analogia se aproxima do de simetria em matemática?*

Uma analogia pode romper a simetria. É um caso de analogia.

- PNC – *A análise dos sonhos, em Freud, é a mostraçãõ de um trabalho de analogia lá ocorrendo. Estou me referindo aos capítulos VI e VII d'A Interpretação dos Sonhos.*

É a leitura que podemos fazer hoje.

• NM – *Textos da sabedoria chinesa, aqueles explorados por François Jullien, são ótimos exercícios de analogia. É um tipo de raciocinação em aberto, cai-se para muitos lugares. O Tao Te King, por exemplo. Em minha edição em espanhol, leio: “Trinta raios se unem em um eixo / Precisamente onde não há nada / Achamos a utilidade da roda”.*

Muitos povos não inventaram a roda por não terem entendido isso.

• NM – *São deslocamentos fáceis para quase lugar algum. Por isso mesmo, encontra-se algo. As possibilidades se multiplicam e se dispõem.*

São usos *ad hoc*.

• PMSJr – *Quanto à política, temos no item 3 de minha edição do Dao De Jing: “Atuando o não-actuar então não há desgoverno”.*

A maioria dos governos estraga tudo em que põe a mão.

• PMSJr – *Já no item 42, temos tudo colocado: “O curso [o Dao] gera o um / o um gera o dois / o dois gera o três / o três gera as dez mil coisas”.*

É isso. Parece uma banalidade, mas é um raciocínio profundo. Repetirei para você o *Dao De Jing*: “O Haver gera o Ser / o Ser gera outro ser, outro ser.../ até a infinidade de todos os seres”. Basta traduzirmos para nosso tempo

• AA – *Recentemente, compartilharam nas redes sociais uma notícia sobre como a arquitetura inca se utiliza do modelo da organização dos grãos do milho na espiga para a construção arquitetônica dos muros.*

Segundo as fotos da espiga e do muro, vemos que se trata de uma analogia por configuração: usa-se a figura para produzir outra por simples analogia. Se o milho se deu bem assim, por que não o muro? Temos, por exemplo, as lutas paranoides do século XX ainda funcionando hoje de maneira imbecil, contra a ideia do milho. Por que ainda há feminismo? Para que serve? Para a paranoia crescer – e dará com a cara na parede, pois nada vai conseguir. Ao invés de partir para nossa época e ver que tudo é igual, ainda fazem-se diferenças de estrutura em luta com a outra. Não é mais assim que funciona. O movimento *Trans*, na sexualidade, é mais eficaz do que o feminismo.

• NM – *Esse modo paranoico imediatamente congela a analogia e lhe dá um sentido, diz o que é por distinção para com o que não é?*

Pior do que isso, diz que ela representa fielmente a realidade. Haja guerra.

• P – *Há outro modo de pensar que não o analógico?*

Aí fica complicado dizer.

• AA – *A oposição que se fazia para com o analógico dizia respeito a entender o digital. Entretanto, de outra vez, você elencou o digital como mais uma expressão do analógico.*

Essa foi uma distinção puramente prática. Produz-se uma analogia com pontinhos, como artistas plásticos já cansaram de mostrar. Outro dia, vi uma fotografia de alguém feita com inúmeras fotografias de outras coisas. Que digitalização é essa? Lacan chamou atenção para o quadro *Os Embaixadores*, de Holbein, que é uma analogia por metamorfose (anamorfose é uma metamorfose geométrica).

• AA – *Ao falarmos em Transa de Formações, estamos falando de analogia dentro dela.*

A paranoia do século XX chamou os elementos de *significantes*. O que é isso? Não quer dizer nada, não tem configuração alguma. Significante é: o-que-quer-que. O que não é significante?

• AA – *Não nos damos conta de que, por terem se tornado poderosas numa época, certas formações protéticas inventadas produziram um sistema analógico que repetimos sem pensar.*

É como se fossem o real total. É um processo de hipostasiar uma formação como se fosse parte concreta de uma realidade. Quando ficamos fixados num processo analógico e o mundo muda – e muda sozinho, não pede permissão –, permanecemos aplicando a mesma analogia idiota numa configuração que é

completamente outra. Ao contrário, há que buscar outra analogia. Aliás, quanto a isso, suponho que, no século XX, não haja pensamento mais idiota – no sentido preciso da palavra – do que o de Marx. Não leva em consideração, como Freud criticou, a existência de algo chamado *gente*. Aquilo só daria certo com robôs preparados para fazer o que ele apresenta. Muitas lutas contemporâneas, herdadas do século XX, são inteiramente desnecessárias, inúteis e fracassadas por não terem os conceitos certos. A espécie humana é uma só, todos nascem com certa competência que é de qualquer um. Podemos, assim, nos referir a ela mediante o conceito de *Vínculo Absoluto*, como chamei [1994]. Qualquer pessoa merece o respeito simplesmente por ser pessoa. Isso é a espécie comparada com outras. Entretanto, dentro da espécie, quantas espécies há em termos neo-etológicos? Um pensamento social ou político que não leve em consideração o fato de estar falando – pelo menos, do ponto de vista secundário – com espécies diferentes não proporá ordem alguma que dê certo. Como classificar essas espécies? Sobretudo, perdendo o preconceito de achar que está fazendo discriminações. Não se faz discriminação quando se respeita o *Vínculo Absoluto*, mas o vínculo social não é absoluto, é relativo. É preciso ter claro que lidamos com espécies diferentes o tempo todo. São espécies diferentes do ponto de vista do humano, das interferências do Secundário. Certo pensamento religioso, como

certo político – do Ocidente, pelo menos –, quer fingir que não existe essa *especiação secundária*. Relativamente à constituição do aparelho psíquico e do aparelho secundário, não se trata da mesma espécie. Não é possível um comunismo de espécies diferentes. O possível é uma Diferocracia, como chamo, organizada com respeito por cada um.

- PNC – *Qual seria o direito fundamental – se há algum – a ser reivindicado numa Diferocracia?*

Legítimo é o Vínculo Absoluto. Não se pode passar por cima da especiação de ninguém. Não se pode, politicamente, permitir que uma pessoa da sua mesma espécie enquanto IdioFormação seja tratada como um animal. Então, Lei Fundamental: existe um Vínculo Absoluto. Ou seja, respeito absoluto por cada um, mas há que reconhecer a diferença específica.

- PNC – *Penso que falar em animal não é um bom parâmetro. Os animais passaram a ter certos direitos.*

Mas são direitos de animal, e não das IdioFormações. Um animal, por sê-lo, jamais terá condição de Revirão. Podemos querer tratá-los bem, até fazer leis para que não sejam maltratados, mas eles são estritamente animais. As IdioFormações podem ser apenas *um pouco* animais.